

O lugar de colégio Santa Rita na trajetória de vida de suas alunas no ano de 1937 em Areia -PB

Autor (1);Nayhara Gabriella Lopes Bezerra Co-autor (1); Cézar da Silva Ferreira Orientador (1);
Prof^a Dr^a Jussara Natalia Moreira Beléns

*Universidade Estadual da Paraíba-UEPB nayharagabriella@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,
cezarferreira122009@gmail.com, Universidade Estadual da Paraíba- UEPB jussarabelens@gmail.com*

Resumo: objetiva-se nesse trabalho, investigar a história de uma instituição de educação confessional do início do século XX no Brejo paraibano, o Colégio Santa Rita, fundada na cidade de Areia em 1937, um liceu voltando apenas para educação feminina, administrada pelas Irmãs Franciscanas vindas da Alemanha. Assim, buscamos discutir como a vida das alunas foram mudadas ao estudarem na escola Assim as mudanças ocorridas nas vidas dessas meninas será a principal discussão do trabalho, percebendo que a cultura escolar está intimamente ligada a forma com que a sociedade se planeja na formação dos sujeitos, e que as instituições escolares são espaços que modelam pessoas, criando singularidades que são significadas e dão significados as instituições de ensino. Nesse sentido, com base nas leituras e discussão dos textos de Luciano Mendes (2002) sobre cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira, analisamos como esta instituição de ensino influenciou na construção de comportamentos, sentimentos, mudando as vidas das alunas, nos anos aqui investigados. E a partir do conceito de poder trabalhado pelo teórico Michel Foucault em Vigiar e Punir (2014) percebemos como as instituições escolares criam estratégias para a normatização de comportamentos das alunas, assim como nos conceitos de gênero, sexualidade e educação, à luz da reflexão de Guacira Louro (2016). Como metodologia por meio de entrevistas com ex-alunas, para compreendermos como a vida delas tinham sido mudadas através da educação na instituição escolar aqui estudada, tomando como o principal eixo problematizador o cotidiano escolar dessas meninas que estudaram na escola quando era um internato para jovens estudantes da cidade de Areia.

Palavras-chave: Cultura escolar – Educação feminina – Processo de modernização

1) INTRODUÇÃO

Objetiva-se nesse trabalho, investigar a história de uma instituição de educação confessional do início do século XX no Brejo paraibano, o Colégio Santa Rita, fundada na cidade de Areia em 1937, um liceu voltando apenas para educação feminina, administrada pelas Irmãs Franciscanas vindas da Alemanha. Desse modo, buscamos discutir como a vida das alunas foram mudadas ao estudarem na escola, revelando as tramas que possibilitaram a construção do seu ambiente físico, como também no sentido modernizador no interior da Paraíba na década de trinta.

Assim, as mudanças ocorridas nas vidas dessas meninas será a principal discussão deste trabalho, percebendo que a cultura escolar está intimamente ligada a forma com que a sociedade se planeja na formação dos sujeitos, onde esconde por trás das fachadas das instituições escolares histórias de vida que dão significado ao mesmo tempo que são significadas pelos valores normativos das instituições de ensino. A escola tem uma relação de proximidade muito grande, pois nela os sujeitos também passam boa parte de seu tempo, promovem seu desenvolvimento enquanto indivíduo social, por meio da relação com os/as colegas, professores/as e demais pessoas. Cria-se, por conseguinte, um forte vínculo entre os/as indivíduos em seus diversos espaços, levando-os a sentir-se ou não como parte do mesmo e reforçando, assim, sua relação com o mundo. A escola é o espaço onde o poder disciplinar produz o saber, como diz Foucault (2015) “O poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”

Com o propósito de analisar como a escola para mulheres era de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual e até mesmo profissional, no período da modernização e como a educação representava um desses elementos de avanço, pensando principalmente os lugares que essas mulheres vão ocupar na sociedade, e considerando o forte atraso nessa educação, que somente a partir da metade século XIX no Brasil a escola foi pensando para as mulheres, inicialmente preparando - as para os deveres primordiais da mulher: o de esposa e mãe. Fazendo com que a mulher fosse forte através da sua representação de poder na sociedade pela organização da família e educação dos/as filhos/as. O centro de interesse se mostra dessa forma voltado para o lar e seus afazeres, e assim, a educação escolar vai ser uma extensão do lar.

A escola delimita espaços. Servindo – se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus

quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles que deverão ser modelos e permite, também que os sujeitos se conheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 2016, p.62).

Nessa perspectiva a escola é a parte importante desses processos de determinação dos sujeitos, ela escolhe através do seu currículo e do contexto histórico como irá formar a sociedade, essa será a cultura escolar instaurada definindo os lugares onde as meninas podem ficar, onde podem transitar, a escola será dividida em hierarquização como também podemos observa com todo o processo de mudança, a escola também teria que ter um caráter modernizador de ordem e progresso, cabendo a ela o lugar de higienização da família e a formação de jovens cidadãos educando mulheres e mães. Nesse momento é bom entendermos como o processo de urbanização estava em curso, pois com o surgimento de outros grupos sociais, como os imigrantes, com outras expectativas e práticas educativas, vai analisado por Guacira Louro (2016) “um novo estatuto de escola de instituída[...] o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que de fato, se feminizar.”

2) METODOLOGIA

Para a realização desse trabalho fizemos uso de leituras bibliográficas de Luciano Mendes Filho (2004), abordando o conceito de cultura escolar como categoria de análise, no campo de investigação na história da educação brasileira” para entendermos como a organização escolar interfere significam os sujeitos, com Dominique Juliar (2012) “A cultura escolar como objeto de análise histórica”, com Foucault em “Vigiar e Punir”(2014) onde percebemos como a cultura escolar é permeada por relações de poder, percebendo como as instituições escolares interferem nas formação dos sujeitos, Guacira Louros (2016) “Gênero, sexualidade e educação” para completar a discussão a ser feita no artigo, com Antônio Pinheiro (2002) discutir o processo modernizador nas escolas da Paraíba, juntamente com a orientação de Jussara Bélenz por meio de discussões no grupo de estudos e pesquisa diversidade, gênero e sexualidade (DISGENEROS) da Universidade Estadual da Paraíba. E por meio de entrevistas gravadas e digitalizadas com alunas da primeira turma do Colégio do colégio Santa Rita, nos debruçamos a analisar meio de como a educação desta instituição de ensino modificou as vidas destas ex-alunas.

A pesquisa aqui realizada com 4 ex-alunas da Escola Santa Rita, algumas eram internas, outras cursaram apenas o ginásial, e outras seguiram sendo freiras, as entrevistadas estudaram na escola entre as décadas de 1950 e 1960 percebemos que as mesmas que estudaram tornaram-se professoras

na instituição, uma parte delas antes de chegarem na escola já haviam passado por várias escolas do mesmo modelo de educação. A escola Santa Rita recebia meninas de vários lugares, como o Ceará – CE, Pocinhos- PB, Recife- PE, Patos-PB , mas atualmente todas estão aposentadas, nenhuma das entrevistadas residem na cidade Areia – PB, hoje residem na cidade de Campina Grande-PB ou em João Pessoa-PB. Com um roteiro de perguntas elaborado anteriormente, entrevistamos na escola, uma vez que estava sendo realizado um encontro de ex's estudantes, professoras e freiras pois a escola estava celebrando seus 80 anos de fundação.

No decorrer das entrevistas enfrentamos algumas dificuldades, mais em relação ao tempo dessas mulheres que em sua maioria foram na escola muito rapidamente, mas no decorrer das entrevistas, as demais das também queriam ser narrar suas histórias, mas devido ao escasso tempo, pegamos o contato delas para posteriormente conversamos mais à vontade, mas percebesse que há uma vontade nelas de contarem como foram suas vidas enquanto internas ou apenas estudantes, pois a grande parte delas estudaram na escola desde os seus 8 anos de idade. As abordagens para entrevistas se deram de diversas formas, de início conversamos com as ex alunas que chegaram mais cedo na celebração, que as Irmãs chamavam de jubileu, logo depois, as demais foram chegando e a entrevista virou uma verdadeira roda de vivências, de lembranças, memórias boas e ruins que essas mulheres viveram na escola.

Durante a gravação, logo de início, foi informado que a entrevista seria gravada, e perguntamos se concordavam, os que concordaram, informamos que seria digitalizada e utilizada como documento, as que concordaram ficaram; logo a pós a coleta dos dados, transcrevemos as entrevistas, procurando entender o que as professoras e alunas falaram da instituição escolar, da importância que tinha sido para todas elas, por poderem ter acesso a uma educação que suas mães não tiveram a mesma chance. E, assim procuramos perceber a relação que a escola como um espaço de cultura tem em comum com o processo de modernização, dos lugares que essas mulheres foram conquistando, mas ao mesmo tempo problematizando como se processava uma educação de valores rígidos, e estratégias disciplinares em meio ao projeto de modernidade deste período histórico;

Para estudarmos o conceito de memória, trabalhamos com a conceitualização de Durval Muniz, onde a memória é colocada em análise, as memórias Das ex-professoras e ex-alunas reproduzida a partir de suas falas vão ser aqui violadas, estão cobertas de análise sendo assim, segundo Muniz (1996) vão deixar de ser memória e passar a ser história.

Ao final das conversas pedimos para que cada uma das entrevistadas respondessem a seguinte pergunta: “o que mudou na vida delas, depois que saíram da escola, comparando ao que eram antes de entrarem na escola e o depois”

3) Um corpo escolarizado

A escola Santa Rita localizada na cidade de Areia – PB, inicialmente a sua arquitetura tinha sido pensada para ser um hospital, pois Vigário Odilon ao perceber que uma antiga igreja da cidade estava a ruir decidiu demolir todo o prédio, aproveitando os escombros em 1908 no prédio que seria um hospital criou-se uma capela que foi erguida a imagem de Santa Rita, Dom Adauto que era bispo na época vai dá a ideia de se fundar no mesmo local uma escola feminina. Durante oito anos a escola funcionar com as Irmãs da Sagrada Família, que a princípio as aulas eram ministradas apenas a alunas do curso primário, mas durante esse tempo faltaram finanças, então, a escola foi fechada, quando em 1930 vendo toda a dificuldade que as irmãs Franciscanas estavam passando na Alemanha nazista, resolveu reabrir a escola para moças, quando em 1937 cerca de seis Irmãs vão chegar em Areia, implantando o internato e o curso normal.

É importante problematizar que a mesma arquitetura foi utilizada por ambas as instituições, com um pensamento modernizador, patronizar os corpos, neste momento entramos na discussão onde Foucault aborda em vigiar e punir, que as instituições tiveram o mesmo tipo de regulamentação; o controle dos corpos. Pelo menos em grande parcela da vida, as escolas os quartéis, os hospitais um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica e técnica, onde várias instituições contorne a vida de cada sujeito e a sociedade se torne técnica, tendo a hora de dormir, a hora de acordar, a hora de rezar, a hora de ir estudar, a hora de se alimentar... assim percebemos todos esses processos que serão aqui fundamentados com o conceito de cultura escolar.

Com toda a dificuldade que as Irmãs Franciscanas passaram, com a perseguição nazista, tendo que sair das suas cidades natal, para virem para outro país, sabemos que na década de 1930 não haviam estradas com calçamento, mas uma das grandes dificuldades que passaram ao chegarem ao Brasil foi não dominar o português, mas isso não as impediu ministrarem aulas como francês, música, matemática. Mas a intenção de se criar uma escola feminina pelas Irmãs era para formar mestras cristãs, conjugando. À vocação de serem donas de casa como bem convinha ao feminino na época, assim a escola tratou de delimitar esses lugares.

Então, para a realização desta formação o internato Santa Rita organiza os espaços da escola distribuindo as suas funções os espaços de dormir, os espaços de se confessar, os espaços de rezar,

nessa lógica criando espaços também para punir, daí percebemos á luz de Michel Foucault (2014) o hospital tem algo em comum que a escola, assim como eu hospital tem a vigilância, a vigilância médica será voltada aos contágios das doenças, a preocupação com um corpo sadio, enquanto a vigilância escolar e principalmente no ensino religioso será a vigilância da alma, o cuidado com a alma, com um corpo escolarizado como vai dizer Guacira Louros (2016): Os mais antigos manuais já ensinavam aos/as mestres/as os cuidados que deveriam ter com o corpo e a alma de seus/as alunos/as. O modo de sentar, as formas de colocar os cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado.

No caso de a educação ser voltada para as moças dedicavam – se intensas e repetidas horas ao treinamento das habilidades manuais de suas alunas, produzindo jovens “prendadas”, capazes do mais delicado trabalho de agulha ou de pinturas, assim as marcas da escolarização estavam presentes nos corpos dessas meninas, através de múltiplos e discretos mecanismos que se escolarizam e distinguem –se os corpos e as mentes. Assim, percebemos como essa cultura escolar está relacionada com os lugares que estas mulheres vão ocupar na sociedade funcional e hierárquica, organizando em lugares, fileiras, garantem a obediência com as repartições dos lugares no hospital, repartir os doentes, dividir os cuidados, como na escola irá seriar os/as alunos/as, dividiu-se os espaços, onde as alunas não podiam entrar no lugar que era destinado as freiras, ao dividir esses espaços entre as moças que tinham condições financeiras e serem mantidas em um internato e as que não tinham condições como diz Foucault (2014): Organizou uma nova economia do tempo e aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar de hierarquizar, de recompensar.

Mandavam meninas de toda parte, pois. Às vezes, na própria cidade, nem escola tinha ainda, manter uma filha no internato não era barato, tinha que ter uma certa condição, mas não era só as ricas que estudavam na escola, tinham as alunas internas de classe média, que as freiras faziam abatimento. (Irmã Marta, entrevistada 05/10/2017).

4) A vida feminina modificada através do ensino

Era de fundamental importância tanto em Areia, como na Paraíba, no Brasil como todo ter essa educação feminina, como já foi citado a escola vai fazer parte desse processo de modernização e para várias mulheres foi a base da qual muitas não tiveram acesso, pois não eram

todas as mulheres que teriam acesso aos internatos e até mesmo a escola, com as entrevistas, observamos o que Dominique Julia (2012) vai chamar de “caixa preta”, a parte da cultura escolar da qual muitas vezes não percebemos, observamos como a escola está intimamente ligada com a cultura da qual a sociedade está passando.

Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela schooled society que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e seus ritos [...]. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis, que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares. (JULIA, 2012, pag:11).

As narrativas das ex-alunas evidenciam como a escola as ajudou a tornarem-se quem são demonstrados a saudade que sentem pela educação que tiveram, mas também mostram uma certa tristeza por lembrarem como era uma educação rigorosa e por passarem muito tempo em um internato, suas vidas foram totalmente entrelaçadas com a escola. Estas lembranças e sentimento eivado de saudosíssimo estão presentes nas narrativas de todas as entrevistas, aquelas que de maneira cordial veem se referir a uma escola sem problemas, que foi um caso que apareceu, até mesmo uma aluna que queria muito seguir a carreira de freira, “eu queria ser freira mesmo”, uma aluna da qual a família não tinha condições de colocar em um internato, e ela sozinha foi falar com o padre da sua região.

Eu sair de casa mesmo para ser freira aos 20 anos, vim para ser juvenista em 1954, vim de Pocinhos. Fiquei acho que duas semanas aqui, aí daí fui para Lagoa Seca para a escola dos frades. Naquela época tinha umas irmãs que trabalhavam lá, umas na cozinha e outras na lavanderia, sempre era uma ou duas irmãs responsáveis e as juvenistas no caso, para nos auxiliar no trabalho. As irmãs também trabalhavam com a gente também. Naquela época não tinha muitas escolas para freiras, tinha só como a gente chama para fazer o ensino médio, tinha lá na cidade, mas eu morava no sítio, aí vim para cá e fiz aqui, primeiro eu sai. Fui trabalhar, aí quando voltei, depois eu fiz até o ensino médio e fiz o magistério, aí terminei, fui fazer o vestibular. (Irmã Anuciada, entrevistada, 05/ 10/2017)

Percebemos aqui, que não só existia alunas que queriam estudar na escola, mas também o objetivo a querer estudar, a maioria delas disseram que era para se profissionalizar, ter uma educação da qual as mulheres antes não poderiam ter, como também há entrevistas de ex-alunas que não

queriam de forma alguma estudar na escola, se alto colocando como subversiva ou revolucionária, mas que hoje agradece pela oportunidade de ter estudando em uma escola considerada por ela de primeiro mundo, os saberes que aqui eram transmitidos, para elas era considerado como tudo, tudo era ensinando, desde forrar uma cama, até o francês. É importante observar que na época que essas mulheres estudavam na escola, era entre as décadas de 1950 e 1960, onde aqui, as mulheres vão ter outras profissões além das de dona de casa, vão poder ser administradoras, contadoras, e também professoras. Uma das perguntas realizadas as entrevistadas foi qual era o objetivo da escola? Por que a escola queria formar jovens moças? Essas perguntas foram feitas a essas ex's alunas da Escola Santa Rita e uma das narrativas evidenciam que:

Naquela época tinha internato, essa que estava aqui, era interna aqui, vinha gente do Ceará, do interior da Paraíba, vinham de vários lugares, internas aqui, a intenção acho que era crescer na vida. Minha mãe por exemplo, meus tios foram para a sala de aula, minha mãe nunca foi porque naquela época as mulheres não precisavam estudar e nem deviam porque, que não era para fazer cartas para os rapazes, a história era essa. Minha mãe nunca foi na sala de aula, mas ela escrevia e lia, porque ela era inteligente e tinha vontade, ela dizia que pegava um pedaço de papel assim e perguntava ao irmão e juntava as letras, e ela escrevia pra gente, mandava carta pra mim, para minha irmã, que morava. (Irmã Anuciada, entrevistada, 05/10/2017).

Porque meu pai achava que mulher era pra estudar, assim ter essa educação(...), já o homem poderia estudar no colégio estadual que na época tinha muito valor e meu irmão tinha até umas certas coisas assim, eu sei que ele sentia, porque o ginásial dele enquanto eu estudava aqui ele estudava em colégio estadual, mas nada que tenha causado problema, pra mim foi a novidade estudar interna e hoje sou satisfeita porque meu pai pode fazer isso por mim. Quando ele faleceu meu irmão mais velho continuou e já foi a educação que eu já vinha tendo de outros colégios (Maria Teresa, entrevistada, 05/10, 2017).

No fim a gente viu que foi bom para nossa vida em todos os sentidos. Colocaria, colocaria meus filhos para estudarem nesse mesmo modelo de escola por causa do ensino, e eu aprendi muito e eu já tinha tendências que minha mãe bordava, fazia crochê, tricô, ai aqui né. Mas, Às vezes eu queria fazer bagunça e tava com preguiça, ai a Madre... braba, ai ela me pegava pelo pé e era uma agonia e as histórias das aulas de piano, porque o acordeom até que... mas nas aulas de piano eu queria tirar música de ouvido, música da minha época. (Maria Teresa, entrevistada, 05/10/2017).

Esta instituição escolar foi capaz de produzir um saber específico entre as alunas, cujos os efeitos se espalham em outros espaços sociais, ressignificando a cultura em nível local, regional e nacional. A

escola é produtora de cultura uma vez que a educação tem forte influência social. Pois, a educação modela os sujeitos, demarcando os lugares de gênero, de classe, de raça... A maior parte das narradoras começaram a estudar desde muito nova na escola Santa Rita, e como a instituição tinha o formato de internato, caberia a escola dá toda a formação que aquelas moças precisavam tanto em relação aos conhecimentos formais como de valores éticos e morais, tendo em vista que elas passavam mais tempo com as freiras do que com a própria família. Como demonstrado na narrativa a seguir.

Eu fiz o exame de admissão, já tinha terminado o primário, eu tinha onze anos e ia fazer doze, ai depois eu fiz o ginásio todinho aqui e o pedagógico. Ai, quando terminei fiquei um ano na minha casa, na casa da minha madrinha ai, já tava adultinha com 20 anos, ai fui pro Rio de Janeiro, eu conseguir emprego, me formei. colocaria meus filhos para estudar aqui, porque meu aprendizado foi grande, devo tudo que tenho a essa escola. O ser humano não gosta de ser moldado. (Francisca Aires Chavier, entrevistada, 05/ 10/2017).

5) Considerações Finais:

Em síntese, por meio da pesquisa realizada com ex- alunas e ex-professoras da Escola Santa Rita alcançamos O objetivo deste trabalho, o de conhecer a escola segundo suas protagonistas, professoras, e alunas ao ouvi-las compreendendo como foram suas vidas, o cotidiano escolar, as necessidades, as reclamações. Todavia, esse trabalho é ainda uma parte muito pequena da pesquisa e do trabalho que estamos desenvolvendo, sentimos a necessidade de ampliar o projeto tendo em vista que há nuances entre seus atores e outras esferas a serem aprofundadas.

No desenvolvimento do trabalho percebemos que mesmo com um forte atraso na educação feminina, mesmo com os lugares demarcados, as mulheres conseguiram garantir os seus espaços, se educando e se profissionalizando, fazendo e ocupando os espaços que eram possíveis para a mulher, nas décadas de 1950 e 1960, pois, Segundo Julia (2012): “A cultura escolar é efetivamente uma cultura conforme, e seria necessário definir, a cada período, os limites que traçam a fronteira do possível e do impossível”

Referências:

FARIAS, Mendes- Luciano. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

LOURO, Lopes- Guacira. **Gênero, sexualidade e educação.** 16.ed. Petropolis: Editora Vozes, 2016

FOUCAULT, Paul-Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

PINHEIRO, Ferreira- Antonio. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba.** 1.ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 2002